

N.º 26 — LISBOA II DE JULHO

I ANNO 1900

A PARODIA

<p>PREÇO DA ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADIANTADO)</p> <p>Lisboa e provincias, serie de 26 numeros.... 500 réis * * * * * 1.000 * Cobrança pelo correio custa..... 100 * Africa e Esrangeiro, accresse o porte do correo. Vende-se em Paris no kiosque, 10, boulevard des Capucines (GRAND CAFE). EDITOR — CANDIDO CHAVES</p>	<p>Publica-se às quartas-feiras</p> <p>CARICATURAS DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO</p> <p>E</p> <p>M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO</p>	<p>Administrador — GONZAGA GOMES Administração — RUA DA BARROCA, 115, 1- Composição: Miu. Peninsular, 111, R. da Alameda, 11. Impressão: Lithographia da Comp. Nacional Editora Largo do Conde Barão, 50</p> <p>Preço avulso 20 réis Um mez depois de publicado 40 réis.</p>
--	---	--

Filhos dos Passos — e da Madame Angot (CORO DOS CONSPIRADORES)



Se alguém conspira e sem temor
 Quizer lhe chamem conspirador!

Gravata encarnada ha de usar
 Cabelleira loira ha de encaixar!



CHRONICA

ALCOOLICA



UMA terra em que as novidades escasseam, e as innovações são raras, quando apparece, por acaso, alguma ideia ou algum incidente que sae do ramerrão, tem-se conversa e intriga para muito tempo.

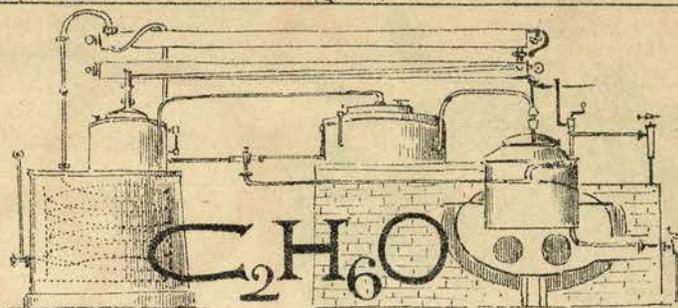
Assim aconteceu com o caso do alcool em Angola, que já dura ha quinze dias, e que promette demorar-se, por muito tempo ainda, na thamada tēla da discussão.

Em resumo, o caso é este.

O Sr. Villaça, que foi ministro da Marinha e do Ultramar, antes de sair do governo quiz, por meio de uma portaria, regularisar a cobrança do imposto do alcool em Angola; e assim o fez, por maneira que, em vez de 40 contos de réis que esse imposto rendia, poderia o Estado realisar dez vezes essa quantia, ou seja o melhor de 400 contos.

Entrando para os negocios da Marinha, e para os negocios do Ultramar, o Sr. Teixeira de Sousa, a primeira coisa que S. Ex.^a teve em vista foi annular a portaria do seu antecessor, declarando que ella representava para o Estado não uma differença para mais de 30 contos, mas uma differença para menos, quasi tanto, ou mais importante ainda.

Tal declaração aguçou, naturalmente, a curiosidade publica, e originou discussão acalorada, nos centros onde a questão do alcool, de baixo de qualquer aspecto, é sempre debatida com grande enthusiasmo: no Centro regenerador e na Tendinba, no Centro progressista e no Quintão...



Como se sabe, o alcool é um liquido transparente, muito volatil e muito inflammavel, de cheiro forte e sabor caustico. Provéem da fermentação dos liquidos assucarados, e forma um dos principaes constituintes de todas as bebidas fermentadas, ao qual estas devem as suas propriedades e a designação de bebidas espirituosas. D'aqui, a importancia da questão, e o calor dos argumentos.

Perguntavam uns por que razão esperara o Sr. Villaça o momento da sua saída do governo para regularisar tal assumpto? Queriam outros saber por que motivo se preparara o Sr. Teixeira de Sousa para poder, logo á entrada, revogar uma medida em que o seu antecessor havia matutado d rante tanto tempo? E os mais exigentes, indo mais longe, interrogavam os astrós, sobre o mysterio d'esta embrulhada questão: porque seria que, sendo já possível ao Sr. Villaça realisar 400 contos pela cobrança d'um imposto, e vindo depois o Sr. Teixeira de Sousa declarar que, em vez de 400 contos, realisaria 700, estivera o Estado, tantos annos, a cobrar apenas uns miseraveis 40 contos?

A discussão passou immediatamente ao dominio da imprensa, e o *Correio da Noite* foi então a lamparina de alcool, que se inflammou com mais viva chamma.

No momento em que escrevemos, produz-se nos animos o phenomeno da fermentação. E ao mesmo tempo que se dá a agitação dos animos, ha uma grande agitação de corpos que lhe corresponde, na chimica dos Ministerios: do carbone, que entra na composição de quasi todas as substancias organicas, e muitas inorgani-

cas; do oxigenio, que é um dos principios constituintes do ar atmosphérico das Secretarias; e do hydrogenio, inodoro e incolor, pertencente á primeira familia dos metalloides, dos Bensandes e dos Mayers.

Como nos achamos na presença de uma verdadeira combinação de chimica industrial, não podemos prever, com segurança, qual seja o fim d'esta embrulhada organica.

Não ha processos praticos, nem scientificos, que nos permittam fazer, por enquanto, a dosagem d'este alcool.

Não podemos suppor qual seja o producto liquido obtido pela distillação de argumentos tão contrarios, como os que temos visto passar no alambique d'esta controversia.

Imparciaes como somos, os nossos votos são para que de tudo isto resulte alcool absoluto, ou alcool anhydro, alcool puro, sem agua—nem de Vidago.

O governo, se quizer aceitar um bom conselho, deve evitar, sobretudo, o alcool concentrado, porque é venenoso, coagula a albumina, suspende a circulação, e traz comsigo, e fatalmente, a morte.

A desordem, que o abuso do alcool determinaria na vida do governo, é da mais desoladora perspectiva. Para termos uma leve ideia do que seria essa desordem, imaginemos, por exemplo, o que poderia ser um dia, em Portugal, a promoção no exercito, se o Sr. Pimentel Pinto deliberasse fazer essa promoção — por meio de escala alcoolica!

Não! O governo não deve abusar do alcool.

E' justo que d'elle se sirva, admittimos mesmo que o agite antes de usar, mas não deverá por elle entrar, até ao ponto — de cair!

ALL LIFE...

O Sr. Conde de Restello, que tinha como gerentes da sua pharmácia seus filhos Ignacio e Pedro, fez com elles sociedade, sob a firma commercial Conde do Restello & C.^a



Foi reeleito presidente da Camara Municipal de Lisboa o Sr. Conde do Restello.



Tem passado ligeiramente incommodado da garganta o Sr. Conde do Restello.



Já se achu, felizmente, restabelecido do seu ligeiro incommodo de garganta, o Sr. Conde do Restello.



Houve ha dias um principio de incendio, sem graves consequencias, no predio do Largo de Cambões onde mora o Sr. Conde do Restello.



Entre as pessoas que acompanharam a gare o Sr. José Luciano de Castro, na sua partida para Paris, lembra-nos ter visto o Sr. Conde do Restello.



E entre as primeiras pessoas que cumprimentaram o Sr. Hiatze Ribeiro pela sua ascensão ao poder, vimos tambem o Sr. Conde do Restello.



Realizou-se hontem, na igreja dos Martyres, o auspicioso enlace do nosso amigo Antonio A., com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria B. Dos muitos e vsluosos brindes que ornavam a *corbeille* da noiva, citaremos os seguintes:

Um frasco de Xarope Peitoral, do Sr. Conde do Restello... Etc.

HORS D'ŒUVRE

No jantar em que se encontraram reunidos, ha dias, todos os membros que foram do governo progressista, ficou combinado que, em vez de uma attitudo benevoia da opposição perante os actos do novo governo, como se dissera a principio, o partido assumiria uma attitudo vigorosamente hostil, como desforço que as circunstancias reclamavam, depois das declarações do Sr. Teixeira de Sousa acerca da ultima portaria do seu antecessor Villaça.

E essa attitudo politica, definitivamente assente logo ás *entradas* d'esse jantar, de mais em mais se accentuou, á medida que eram servidos os vinhos generosos.

Por fim, cambaleava se; e á sahida, vendo alguém os alegres convivas do banquete no estado de consternação em que se achavam, passou no ar este commentario:

— «Aquillo é apenas uma questão de alcohol... em Angola!...»



Não disseram os jornaes por que razão deixou de assistir áquelle banquete o Sr. José Luciano de Castro, mas d'essa razão tivemos nós conhecimento.

S. Ex.^a perguntou, antes de aceitar o convite, e ao saber que seria no Hotel Bragança, se porventura se tratava de um jantar de mesa redonda; e como lhe dissessem que sim, respondeu logo negativamente:

— «Não, não! I á isso não... Eu só iria se o jantar fosse — *à la Carte!*»

Ao lado do Sr. Eduardo Villaça, na mesa do banquete, achava-se Sr. o Elvino de Brito. O ex ministro da Marinha comia muito pouco; mas, em compensação, o seu ex-collega das Obras Publicas comia muito. E dizia então este, áquelle:

— «Coma, coma, Villaça. Coma como eu como. Olhe vossê que os francezes têm razão... *L'appetit vient en mangeant!*... Quanto mais comemos, mais vontade temos de comer!»

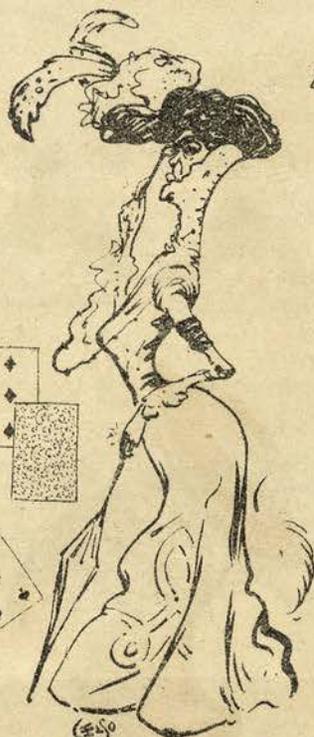
EFEITOS DO ÚLTIMO DECRETO

No Club Litterario e no Gremio de Caçadores



Reduzidos a bizza lambida

A PARODIA MUNDANISMO

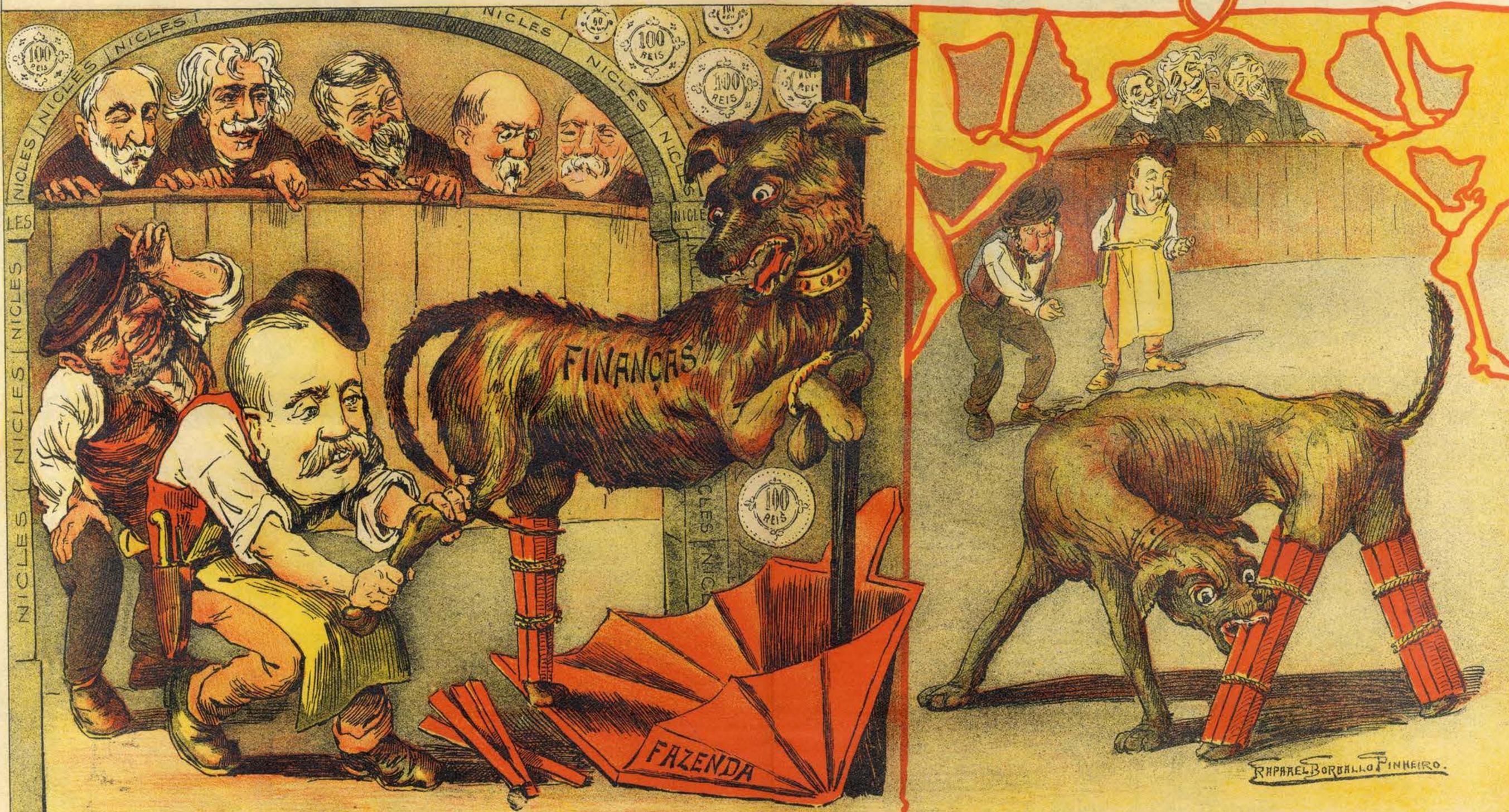


A elegante condessa X...

O NOVO GOVERNADOR CIVIL



Pode o mar deixar de ter peixes Mas impedires que a bolia corra Isso lo rolla



—“Hei-de pôr-te a direito, custe o que custar!”



HINTZE

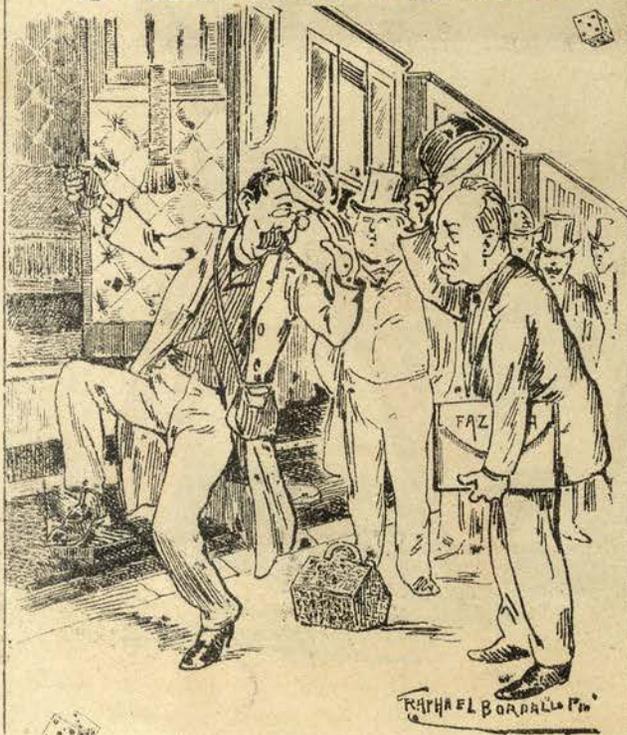
Vae alta a noite na mansão di a morte
 Já meia noite com vagar soou...
 Ora Deus queira que isto não se entorte
 Mais do que já tanto se entortou.

Triste Rodolpho, taciturno Ernesto,
 Febre typhoide, sonho máu, malaria.
 Tu és tão bom, como é bom o resto...
 Tudo factores d'ordem arbitraria.

Em todo o caso, sempre estás de cima,
 E o mal 'stá em se estar por baixo.
 Não é verdade? E' verdade — e rima.
 Acha que sim, que eu também o acho.

Se o Ministerio, a que tu presides
 Dér algum fructo, porventura,
 Deves guardar bem as pevides,
 Illustre creatura!

S. EX.ª AO PARTIR



RAPHAEL BORDALLA Pin.

— Talvez te escreva...

DITOS

No livro «O meu adeus», do poeta sr. Affonso Lopes Vieira, o ingrato que desprezou o puro affecto da ex-tricana Rosa — *A que ia morrendo de Amor* — hoje carmelita descalça em Braga, que é como quem diz madre Lourença, encontramos a seguinte formosissima quadra:

«Esta palavra Saudade
 Aquelle que a inventou,
 A primeira vez que a disse
 Com certeza que chorou.»

Que isto é uma coisa lindissima, não ha duvida nenhuma, mas não é d'isso que tratamos agora. O caso é mais serio.

A quadra do sr. Lopes Vieira é uma revelação. Sim, agora não ha duvida — absolutamente nenhuma duvida — que quem inventou a palavra saudade foi o cavalheiro Jeremias, que, como os senhores sabem, chorava por dá cá aquella palha... para tomar uma carapinhada.

Havia muito quem attribuisse a paternidade da saudade ao liquifeto propheta, mas a base sobre que assentava essa affirmativa era pouco solida: uma symple poesia de Moyés, que muito vagamente se refere ao caso n'estes termos:

Quando pensa na saudade
 Jeremias *inté* chora...

Escreve o chronista do Dia:

«Parece á primeira vista que estas considerações e esta doctia curiosidade de saber *ò que faz o ministro*, nada influem sobre as coisas publicas, que por isso não deixam de marchar mal ou bem, conforme tinham de marchar. Pois é errada a ingenua supposição.»

Será errada e ingenua a supposição; mas o que é certo, é que nós, que somos curiosos como seiscentas mulheres, depois de lermos todas as considerações do chronista, ficamos na mesma. Talqualmente como se fossemos p'ra ahí coisas particulares...

Na semana passada, um bello dia, depois d'almoçar, o sr. Alberto Pimentel escreveu o seu costumado folhetim para o *Popular*, encabeçando-o com esta palavra: *Sobejos*. Evidentemente emendou porque o folhetim appareceu com o titulo *O verde*.

De um conto publicado n'um jornal de provincia, arrancamos o seguinte precioso bocadinho:

«No campanario da pequenina egreja da localidade acabava de dar meia noite: no emtanto chovia.»



A's 2 horas da madrugada e á porta do café Tavares, o illustre deputado Ravasco atria esta busca ao seu venerando collega Baracho:

—«Os regeneradores fartaram-se de fazer asneiras na Fazenda!»

Ao que o venerabundo Baracho responde imperturbavel:

—«E os progressistas fizeram asneiras na fazenda, feito e ferros!»



Excerpto de uma correspondencia de Lisboa para um importante jornal da Sene-gambia:

«... Agora, por occasião da queda do ministerio, mais uma vez observei o que por varias vezes lhes tenho dito n'estas desalinhavadas cartas: Portugal é um paiz de navegadores. E' verdade, meus amigos. N'este momento até nas secretarias não se fala senão em vagas...»



NA RUA



— Talvez te escreva...

O EXTRANGEIRO NA PARODIA

Recepção amigavel (EXTRAHIDO DO *Journal*, PARIS).



Coronel chinês — Olha quem elle é! O meu amigo Europeu! Ha que tempos que o não vejo... Toque nestes ossos e tenha a bondade de sentar-se...



A. L. FREIRE



Com atteliers de gravura e grande estabelecimento de papeleria e officinas de typographia, lithographia e encadernador, fabrica de carimbos e suas machinas, armazem das leiras esmaltadas, retratos a crayon, cutelaria, ferragens, perfumarias, etc., fundados em 1882.

Telephone 943.
RUA DO OURO, 158 e 164

MACHINAS DE ESCREVER «YOST»

R. dos Retrozeiros, 35, 1.º D.º

AGENCIA NACIONAL

DI-ECTOR: AUGUSTO SOARES
Anuncios para os jornaes do paiz e estrangeiro.—
Affixação de cartazes.—Publicidade em todos os generos.
Compures de journaux sur tous sujets et personalities.
RUA AUREA, 178.—TELEPHONE: 236

Codigo Commercial Telegraphico «Ribeiro»

O primeiro codigo geral telegraphico publicado em lingua portugueza.

R. do Alcega, 30-A

UMA SCENA D'A IDA... A PARIS

(TERCETTO DO 3.º ACTO DA OPERA)



Radhamés da Opera — Io son disonorato!!!
Radhamés de Castro — Eu já estou curado!!!